

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCH
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA



CHAPEUZINHO VERMELHO: DUAS VERSÕES PARA TEMPOS DISTINTOS

LUCIANA DE QUEIROZ DOS SANTOS

RIO DE JANEIRO

2010/2

LUCIANA DE QUEIROZ DOS SANTOS

CHAPEUZINHO VERMELHO: DUAS VERSÕES PARA TEMPOS DISTINTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno - Orientador

RIO DE JANEIRO

2010/2

LUCIANA DE QUEIROZ DOS SANTOS

CHAPEUZINHO VERMELHO: DUAS VERSÕES PARA TEMPOS DISTINTOS

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 2010.

Professor Dr. Alberto Roiphe Bruno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Professor
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida. “Obrigada por sempre me guiar e mostrar que as dificuldades são importantes para nos tornarmos pessoas melhores.”

Aos meus pais Lúcia e Duarte, que tanto me apoiaram e me incentivaram, não só nesses anos de faculdades, mas na vida inteira. Eles que sempre acreditaram em mim até mesmo quando eu não acreditava. “Obrigada por tudo, dedico a minha vida inteiramente a vocês. Eu os amo muito!”

A minha irmã Danielle, por sempre estar ao meu lado nesta minha caminhada pela vida, e me apoiar em momentos decisivos. Pelos incômodos diários no processo de construção deste trabalho, revisando junto a mim cada coisa que eu escrevia. “Obrigada pelo seu sorriso e pelo seu amor, pois eles são muito importantes para mim. Esta vitória também é sua”

Ao meu marido Bruno, pela paciência que teve neste período, em que me ausentei para poder todas as noites escrever. Pelo seu amor, e seu carinho! “Obrigada, meu amor, meu amigo, meu companheiro. Amo-te!”

Às minhas amigas Carolina e Polyana, que estiveram comigo todos esses anos sem que me abandonassem por um minuto. “Amo demais vocês, minhas amigas eternas!”

*Ao meu orientador Alberto pela paciência!
“Obrigada!”*

AGRADECIMENTOS

De antemão, para não correr o risco de injustiça, agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha formação educacional e pessoal, na construção de quem sou hoje. Em particular, agradeço a algumas pessoas que tornaram possível a minha graduação e a elaboração deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, “pois sua presença é real em meu viver”, e sem a fé que eu tenho Nele, nada seria possível.

Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, me dando força a cada passo e decisão que tomo. Agradeço pela união, pela força, e principalmente, pelo amor que temos um com o outro. Aproveito para agradecer a minha querida irmã Danielle, pela sua amizade e companheirismo, e pela força e conselhos que sempre me deu, apesar de ser mais nova, sempre foi um referencial para mim pela sua sensatez e sua serenidade, cada palavra sua vale uma aprendizagem.

Ao meu marido que durante estes dez anos de relacionamento acompanhou meu crescimento, minhas vitórias e minhas derrotas, sempre ao meu lado me dando força para seguir em frente.

À minha amiga Natalia, que apesar de não estar mais entre nós, está presente dentro de mim, no meu coração. Ela que sempre fez parte da minha vida de forma extraordinária, inclusive no processo de decisão sobre nossa profissão, em que decidimos seguir juntas o magistério e lidar com crianças, pois é nelas que encontramos a beleza e a pureza da vida. Só Deus sabe como sinto sua falta!

Às minhas amigas Carolina e Polyana, que durante esses cinco anos de faculdade estiveram presentes, pelo amor, pelo carinho, pela inspiração, pelo companheirismo e pela cumplicidade que temos umas com as outras.

Ao meu amigo Tatu que esteve presente em conversas paralelas à escrita deste trabalho, sempre aturando minhas descobertas sobre a “Chapeuzinho”, e pela companhia até altas horas da noite, em que ficamos acordados conversando enquanto este trabalho era elaborado. Uma pessoa que se tornou muito importante na minha vida!

À escola EDEM e aos seus funcionários, que me acolheram e me fizeram amar esta profissão. E especialmente à professora Luciana Véo, com sua inteligência e sensibilidade, mostrou que a arte pode desencadear aprendizagens significativas, juntando criatividade, ludicidade, e literatura.

À aluna Giovana Tortori, da escola EDEM, que foi minha aluna aos dois anos de idade, hoje, com quatro anos, me apresentou o livro que estimulou este trabalho, na época que tive o prazer de estar com ela diariamente.

A todos os professores da UNIRIO, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e que contribuíram para meu crescimento intelectual estimulando a valorização cultural que atribuímos ao processo pedagógico, além de fazerem parte da construção do meu conhecimento e conseqüentemente na evolução desta monografia.

Mas a raposa retomou o seu raciocínio.

- Minha vida é monótona. Eu caço galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens também. E isso me incomoda um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

Pequeno Príncipe

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar duas versões da história de Chapeuzinho Vermelho, a primeira dos Irmãos Grimm, que faz parte dos Contos de Fadas, e a segunda uma versão atual dos autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini, que tem como proposta mostrar o que aconteceu antes da história clássica, a fim de refletir sobre a hipótese de que a primeira tem um caráter moral e a segunda um caráter lúdico. Estas duas propostas podem proporcionar diversos olhares permitindo diferentes trabalhos na educação das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil, contos de fadas, Chapeuzinho Vermelho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- UM POUCO DE CONTOS DE FADAS.....	12
2- ANÁLISE DOS CONTOS DE CHAPEUZINHO.....	21
2.1- Versão dos Irmãos Grimm.....	24
2.2- Versão de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini.....	33
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
4- ANEXOS.....	52
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

Introdução:

Tudo começou no ano de 2008, quando eu estagiava na escola EDEM, localizada na Rua Gago Coutinho, 14 – Laranjeiras, que atende desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, com o ensino voltado para alunos de classe média alta, utilizando uma metodologia construtivista e valorizando o desenvolvimento cognitivo através da cultura, da arte e do lazer. Lá tive a oportunidade de ter um contato maior com a literatura infantil, já que esta escola valoriza demasiadamente o ato de ler para as crianças e com as crianças, a fim de introduzi-las no mundo mágico das histórias. O encantamento dos pequenos e a capacidade que eles possuem de se transportar para dentro do que está sendo contado a elas chamou minha atenção. Foi trabalhando junto à professora Luciana Véio do Grupo 2, que correspondia às crianças com 2 anos de idade, em um projeto chamado “Cantos e Contos”, que descobri a minha paixão por ler histórias e percebi o quanto as crianças se entregam a elas a ponto de levá-las à uma dimensão que vai além do entretenimento, construindo um imaginário do qual acreditam fazer parte, despertando sentimentos de medo, angústia, felicidade, encantamento, entre outros.

Na EDEM, os temas dos projetos não são escolhidos ao acaso, estes devem fazer parte de um interesse comum do coletivo. Durante os primeiros meses fizemos uma sondagem de características marcantes no grupo. Percebemos, então, uma forte tendência de interesse por transportes, bonecas, comidas, animais e cantigas. Pensando em todas essas descobertas, achamos que trabalhar músicas e histórias, que incluíam os contos de fadas, contemplando toda essa essência do grupo seria muito prazeroso. Atingiríamos cada um, no seu interesse particular, e também estaríamos despertando para novos horizontes. E assim surgiu o projeto do Grupo 2: “Cantos e Contos”. Nossa primeira tarefa foi selecionar as músicas mais cantadas e as histórias que gostaríamos de apresentar ao grupo. Em seguida, pensamos em como iríamos registrá-las. Os recursos que usamos foram os das Artes Plásticas, em que cada letra cantada e cada história contada fossem transformadas em painéis utilizando várias técnicas, tais como: colagem, pintura, desenho, pesquisas, etc.

Meu envolvimento com o projeto e com as crianças foi tão grande que me apaixonei por literatura infantil. Pensando nesta paixão, procurei realizar um trabalho de conclusão de curso que fizesse parte deste universo, e especialmente dos contos de fadas, já que esse está presente até os dias de hoje de forma significativa na vida de muitas pessoas que tiveram contato com eles enquanto criança.

No processo de escolha de qual história iria abordar neste trabalho, lembrei-me de um livro que a aluna Giovana Tortori levou para escola sobre um reconto da história de “Chapeuzinho Vermelho”, chamado “A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho”, em que o Lobo deixa de ser coadjuvante e passa a ser, junto à Chapeuzinho, o personagem principal. Nesta, o personagem “mau” se encarna em Chapeuzinho, pois tomada pelo ciúme do Lobo ter se tornado tão bom com a sua ajuda, passando a ser uma celebridade, ofuscando seu papel na história, ela decide tomar algumas providências e deixá-lo malvado novamente.

Achei relevante mostrar estas duas perspectivas sobre a mesma história, fazendo uma análise que permite verificar que a personagem principal das duas versões, apesar de ser a mesma, exerce características e atitudes distintas que influenciam a construção e a proposta de cada autor e proporciona diferentes leituras. Minha hipótese permite pensar que as duas histórias que analisarei têm características diferentes, levando em consideração o período em que foram produzidas e perspectivas de diferentes leitores.

No primeiro capítulo, apresento três dos grandes autores de contos de fadas contextualizando-os ao seu tempo, contando um pouco sobre a história de cada um e apresentando a concepção de contos de fadas que este trabalho defende. No segundo capítulo, analiso duas versões da história de “Chapeuzinho Vermelho”, uma dos Irmãos Grimm, considerada uma versão clássica, e outra, dos autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini, considerada uma versão moderna e contemporânea. Nas considerações finais, faço uma análise comparativa entre as duas versões a fim de mostrar que as modificações existentes na versão atual se dão em função do contexto social e período histórico. E que cada versão possui sua característica, que no caso do conto dos Irmãos Grimm a característica maior é a moralidade implícita e na versão dos autores contemporâneos é a ludicidade presente na obra.

CAPÍTULO I

UM POUCO DE CONTOS DE FADAS

1 - Um pouco de Contos de Fadas:

Este capítulo tem como objetivo fazer um breve apanhado sobre os principais autores de contos de fadas, contextualizando-os e, em seguida, apresentar ao leitor a proposta deste trabalho e a concepção de contos de fadas que predominará nele.

Os contos de fadas, apesar de terem uma grande popularidade e unir leitores de diversas culturas e estilos, são confundidos com histórias da tradição oral, estas que foram perpassadas durante séculos através das rodas de conversas, reuniões e saraus, misturando cultura e folclore popular de diversas etnias, em que cada uma acrescentava ou modificava conforme suas especificidades, e assim passava de geração a geração.

As histórias da tradição oral são muito antigas, possivelmente surgidas junto ao processo de civilização, e eram destinadas ao público adulto por possuírem conteúdos trágicos, sombrios e sexuais, já que a criança se totalizava como minoria, além de serem consideradas como pequenos adultos. Em outras palavras, a criança não era reconhecida como um ser em formação, respeitando sua idade e seus anseios por experiências para assim se tornarem maduras a ponto de serem consideradas adultas. Segundo Áries, que realizou um estudo da inserção da criança na vida social através de história do cotidiano que vai da Idade Média até os tempos modernos:

No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. (ÁRIES, 1986, p. 51)

Além de serem considerados pequenos adultos, elas começavam a trabalhar cedo e a participar de festas que somente os adultos poderiam frequentar. Essa concepção de infância permaneceu entre os séculos XVII e XVIII sem mostrar o respeito que se deve ter com a criança e com essa fase da infância.

Segundo Regina Zilberman (1981), foi com a Revolução Industrial que a criança começou a conquistar o seu espaço no seio familiar e a ser vista como tal, necessitando de

uma literatura especial, assim, dando início à Literatura Infantil como um novo gênero literário.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN, 1981, p. 15)

Segundo os estudos da autora Katia Canton, a expressão “contos de fadas” é de origem relativamente recente diante dos contos da tradição oral, surgindo concomitante às histórias literárias, ou seja, aquelas que foram legitimadas em forma de textos escritos e com estilo próprio de um conto. A criação desse novo gênero literário¹ se solidificou devido à criação da prensa móvel, no final do século XVII.

Junto a este gênero, os seguintes não podem deixar de ser mencionados, Charles Perrault, os irmãos Ludwing Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm, e Hans Christian Andersen, pois se trata de autores que fazem parte da construção e perpetuação deste novo formato, ampliando-o para o universo infantil. O primeiro é o autor francês Charles Perrault (1628-1703), que ficou conhecido como o pioneiro das obras literárias chamadas de contos de fadas. Apesar de não serem destinados às crianças, foram os que mais se aproximaram de uma literatura que pudesse ser de fato utilizada por elas. Nessa época não se fazia muita distinção sobre o que era para adultos e para crianças, apenas no final do século XVII é que a criança começa a receber uma atenção especial.

¹O gênero textual é classificado de acordo com a função que determinado texto exerce no ambiente biossocial. Assim, entre os demais gêneros literários existentes, há o gênero literário voltado para o público infantil, mais conhecido como contos de fadas.

Poucos sabem, mas a expressão “Era uma vez” surgiu nos contos de Perrault, tornando-se uma marca dos contos de fadas, dando uma idéia de tempo suspenso e não cronológico. Ao entrar na história, devemos abrir mão da nossa concepção temporal e ingressar no mundo da fantasia, onde o tempo não é relativo – as horas, minutos e segundos –, onde animais falam, as meninas em geral são indefesas e passam por situações atípicas em busca da felicidade eterna.

Foi o francês Charles Perrault quem a utilizou pela primeira vez, em 1649, em um poema chamado Os Desejos Ridículos, escritos para adultos. Nele, a expressão só aparece no meio do texto, no verso 21. Posteriormente, o escritor retomou-a em seu primeiro conto de fadas, intitulado Pele de Asno. (CANTON, 2009, p. 18)

Nos contos de Perrault, nem sempre as mocinhas se davam bem, como no caso de Chapeuzinho Vermelho, que é devorada pelo lobo mau, terminando a história com a vitória do lobo, a fim de causar um impacto no leitor, mostrando que aqueles que não seguem, desobedecem ou não vão ao encontro de boas maneiras, são castigados.

Segundo Bettelheim², “Perrault não desejava apenas entreter o público, mas dar uma lição de moral específica com cada um de seus contos. Por isso é compreensível que ele os modificasse de acordo com o que desejava.” (1980, p.204)

Seus escritos passaram a ser veículo de difusão de bons costumes às crianças de sua época, com alguns finais trágicos. Dessa forma, os contos vinham acompanhados de um poema que explicava a moral que a história queria transmitir, tornando-se uma característica de suas produções. Suas contribuições vieram através das histórias para serem utilizadas como perpetuação de boas maneiras e bons costumes, geralmente às moças, e permitir que crianças se aproximassem das histórias, tanto que, hoje, Perrault é conhecido como pioneiro dos contos infantis. Mesmo não sendo adepto a finais felizes,

² Bruno Bettelheim foi um psicólogo austríaco que a partir dos estudos sobre Freud, iniciou um trabalho sobre crianças com problemas mentais, sobretudo autistas. Em seguida, se debruçou sobre o estudo da influencia dos contos de fadas no desenvolvimento do inconsciente por lidarem com problemas existenciais.

seus contos não possuem tanta crueldade quanto nas histórias de tradição oral, pois estes eram macabros.

Recentemente, a revista *Mundo Estranho*, voltada para o público que busca obter mais informações sobre curiosidades, mistérios históricos, revoluções tecnológicas etc, em uma linguagem leve e descontraída, publicou sínteses de histórias que deram luz aos contos de fadas, e que apesar de parecerem semelhantes, não foram publicadas e reconhecidas como tais. Em uma reportagem de Tiago Jokura, ele retoma os contos orais para apresentar uma outra versão da história de Chapeuzinho Vermelho, que será objeto de pesquisa deste trabalho, que era contada na Idade Média em rodas de camponeses na Europa, de forma maliciosa e violenta, em que Chapeuzinho se despiu para o Lobo Mau jogando suas roupas no fogo e se deitando, em seguida, ao seu lado. Lobo Mau, nesse momento já tinha matado e esquartejado a vovozinha, e oferecido à menina a carne e o sangue de sua própria avó. Como pode ser visto, as histórias que contavam não eram nada apropriadas para as crianças.

A noção de *civilité* e seu foco voltado para as boas maneiras, o discurso refinado e a repressão sexual, que impunha normas definidas de conduta, era acompanhada por uma preocupação cada vez maior com as crianças, principalmente nas classes sociais mais altas. (CANTON, 2008, p. 24)

Perrault conseguiu pegar a essência das histórias orais e adaptar ao seu contexto e à sua época. Com isso, as histórias tornaram-se contos de fadas, com direito a uma moralidade divulgada através de livros.

A segunda autoria da qual não se pode esquecer, quando se trata de contos de fadas, é a dos irmãos Grimm: Ludwing Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm. Seus nomes ficaram conhecidos um século depois de Perrault quando, já formados em Direito e Filologia, resolveram fazer um resgate sobre a cultura e sobre os costumes do povo alemão a fim de construir uma identidade própria com base na tradição popular, já que o país passava por um momento conturbado diante da ocupação francesa, e precisava de um impulso nacionalista que cativasse e conscientizasse a população de suas raízes. Este estudo sobre a

cultura alemã permitiu o contato com contos populares e outros materiais que os impulsionaram a escrever baladas, canções, lendas e fábulas. Em 1812 estas foram publicadas e eram destinadas às crianças e à família.

Como salienta Canton, “(...) cada conto de fadas possui um autor e um contexto, que será fundamental para definir a “voz do texto”, com sua moral, seu estilo e as características particulares de seus personagens.” (*Idem*, p.7). No contexto em que se encontravam os irmãos Grimm, eles necessitavam de buscar na raiz da cultura e do folclore alemão subsídios para criar um estilo próprio de seus contos de fadas, que satisfizessem suas expectativas e seus ideais, respeitando os valores e a moral cristã da Igreja Protestante, da qual fizeram parte e receberam grandes influências, preocupando-se com a justiça, sobrevivência e liberdade. Por estes motivos, seus contos se diferenciam dos de Perrault, por não conterem finais trágicos e por deixarem que o leitor tenha livre interpretação. Bettelheim (1980) concorda que os contos de fadas não são livres de significados e que é importante deixar que a criança tenha a sua própria interpretação. Pois, à medida que ela cresce e vai adquirindo mais maturidade, a história lhe apresenta aspectos que antes não eram reconhecidos e que com o amadurecimento, proporcionam um significado mais amplo.

Os irmãos Grimm ampliaram os contos de fadas ao universo infantil, o que proporcionou a popularização dos contos. Ou seja, os contos de fadas tornaram-se leitura para todas as idades e culturas, livre de qualquer imposição interpretativa, possibilitando que cada leitor possua sua interpretação. A abertura para diferentes interpretações e a popularização dos contos de fadas, foram os grandes marcos que os Irmãos Grimm nos deixaram.

Hans Christian Andersen é outro autor que muito contribuiu para a divulgação e criação de histórias de “contos de fadas”. De acordo com os estudos de Katia Canton, ele nasceu na Dinamarca e teve uma infância muito pobre e sua família não pôde arcar com uma educação formal. Aos 14 anos, sua situação piorou com a morte do pai, então ele buscou fontes alternativas para ganhar o seu próprio sustento, trabalhando como aprendiz de alfaiate e até mesmo como operário de uma fábrica de fumo. Mesmo com todas as suas dificuldades, ele não deixou de sonhar e, quando ainda criança, produzia fantoches junto à

seu pai para serem utilizados nas brincadeiras de teatro que ele mesmo elaborava, o que ajudou a fortalecer seu espírito artístico, tentando um emprego como cantor e ator, posteriormente.

Sonhador e solitário, quando criança ele contava com o carinho do pai para criar fantoches, teatrinhos de sombra e recortes para contar em voz alta trechos de *As Mil e Uma Noites* e outros contos maravilhosos. Era o que mais gostava de fazer. (CANTON, 2009, p. 38)

Andersen teve sua sorte invertida ao se mudar para a capital de seu país, Copenhague, em busca de uma chance de trabalho como ator no Teatro Real. Lá, ele conheceu Jonas Collin que, além de ser oficial do governo, também era um dos diretores do Teatro Real. Este se encantou pelo rapaz e resolveu adotá-lo como filho, custeando seus estudos até a faculdade. Andersen se tornou um escritor, principalmente de contos, em que todos são de sua autoria, sendo este seu diferencial, pois ele não escreve recontos, mas sim os cria. Entretanto, suas histórias são cheias de melancolia e tristeza, e esta peculiaridade se baseia, possivelmente, na sua infância pobre e sofrida.

Este breve levantamento sobre os principais autores de contos de fadas nos permite refletir sobre o que os autores abordam em suas histórias e o que eles procuram transmitir junto ao contexto histórico em que eles viveram e ao público leitor que querem atingir.

Os contos de fadas, portanto, são histórias criadas a partir de contos orais que foram perpassados durante séculos, até serem eternizadas pelos livros, escritos por autores que já foram falados, em que cada um buscou provocar significados de acordo com o seu tempo e seu público alvo. Por isso, cada autor conta do seu jeito, possuindo um estilo próprio de abordar o mesmo tema, ou criando novas leituras e abordagens no intuito de proporcionar prazer, magia e encantamento.

Essa é a concepção de contos de fadas que adoto neste trabalho, histórias que transportam a criança para a um mundo mágico e imaginário, causando encantamento, pois permitem que a criança imagine, crie imagens e reflita sobre a trama que é abordada. E por essas e outras coisas, que os contos de fadas encantam e nos afetam de tal forma que não

importa a faixa etária do leitor, sempre existirá uma nova significação e nos remeterá à imagem da infância.

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 1980, p. 11-12)

Portanto, utilizo como objeto de estudo, o conto “Chapeuzinho Vermelho”, produzido em dois estilos e momentos diferentes, um que representa a tradicional história escrita pelos irmãos Grimm e outro contemporâneo, escrito por Agnese Baruzzi e Sandro Natalini, a fim de analisar e desvendar as características, conforme o período e as necessidades que este contexto impõe a cada uma, pois apesar dos dois livros abordarem o mesmo tema, a história de “Chapeuzinho Vermelho”; o tempo-espaço, o contexto, os personagens e o público alvo não são os mesmos.

“Uma das coisas mais fascinantes que descobri em minha pesquisa sobre os contos de fadas foi a variedade com que uma mesma história pode aparecer e reaparecer ao longo de diferentes contextos históricos.” (CANTON, *Idem*, p. 13)

Isso se dá a fim de se adequar às necessidades históricas, as quais não estão livres de sentidos, inquietações e moralidade. Carregando consigo amplitudes que vão além de uma simples história de diversão e de entretenimento.

Apesar de Perrault ser conhecido como pioneiro no gênero literário infantil, a versão dos Grimm permite uma análise mais coerente ao compararmos com o reconto de

Chapeuzinho feito por Agnes Baruzzi e Sandro Natalini na questão da linguagem estética e mudanças de caráter da personagem principal. Por conta disso, uma das versões do conto “Chapeuzinho Vermelho”, que será analisada, é a dos Irmãos Grimm.

O capítulo a seguir tem como pretensão captar a alma dos contos, ressaltando aspectos que nos despertam a produção de sentidos, observando a formação do texto, as palavras e expressões utilizadas pelos autores, a fim de detectar seu envolvimento com o texto, deixando suas impressões e transmissão da intencionalidade. Entretanto, o foco da análise estará na personagem principal, pois sua mudança de comportamento permite refletir e criar hipótese sobre o caráter de cada texto.

Os contos que serão trabalhados, apesar de terem como personagem principal a Chapeuzinho Vermelho, pertencem a autores bem diferentes quanto ao estilo, à cultura, quanto ao momento histórico e ao ambiente social.

CAPÍTULO 2

ANÁLISES DOS CONTOS DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Parágrafo introdutório:

A análise sobre a história de “Chapeuzinho Vermelho” que realizarei nas versões dos Irmãos Grimm e Agnese Baruzzi e Sandro Natalini tem como proposta identificar que, entre essas versões, uma aborda aspectos de moralidade e a outra de ludicidade. Focando na personagem Chapeuzinho, analisarei o caráter moral na versão dos Grimm e o caráter lúdico na versão de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini. Tendo como hipótese que as duas versões, apesar de terem como personagem principal a Chapeuzinho, cada uma tem suas particularidades a fim de atingir os anseios de seus leitores. Por serem consideradas literatura infantil, seu público leitor, a princípio, é a criança que, de acordo com a época em que foi escrita cada versão, necessita de enredos que despertem significados e interesse.

E para entender como a moralidade se apresenta na história dos Irmãos Grimm, pretendo mostrar como os autores se utilizam da personagem de Chapeuzinho e como seu temperamento se modifica no conto de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini a ponto de não sabermos se ela é boa ou má, ao contrário do conto dos Grimm, em que a personagem se mostra boazinha e inocente do início ao fim.

A análise será realizada em uma estrutura dividida em tópicos que possibilitará uma melhor verificação através de diferentes aspectos que cada texto nos traz. Os tópicos foram divididos em relação ao tempo, a constituição do enredo, a construção dos personagens, e um tópico específico para os personagens principais e o narrador.

Considerarei através destes aspectos a existência de intencionalidade discursiva em cada um dos autores. A análise, em relação ao tempo, permitiu caracterizar cada história, sendo a primeira um conto de fadas, e a segunda uma história original baseada em um conto clássico. O segundo tópico possibilita uma análise do formato de cada história, e de sua construção, verificando que cada autor seguiu sua proposta de acordo com o que desejava atingir, seja em relação à leitura, ao leitor e ao seu contexto histórico e social. O terceiro tópico trata das características que os personagens presentes em cada versão possuem, e que vai de acordo com a proposta discursiva dos autores. E por último, e não menos importante, pelo contrário, o mais importante pelo fato de analisar os aspectos que os personagens principais apresentam em cada versão que permitirá estabelecer uma

diferenciação entre as histórias e verificar os traços que cada uma contém a fim de chegar a hipótese que propus, junto a presença ou ausência do narrador, este que transmite mensagens através de seu discurso.

2.1 – VERSÃO DOS Irmãos Grimm

O conto em análise foi escrito em 1812 e traduzido por Tatiana Belink, uma escritora brasileira e especialista em literatura infantil russa. Esta versão foi retirada do livro *Contos dos Irmãos Grimm*, da Dra. Clarissa Pinkola Estés. A análise será sobre a narrativa, sem se considerar as imagens, que poderiam influenciar a minha análise, provocando outro tipo de interpretação.

A obra é composta por um conjunto de artifícios que o autor utiliza para atingir determinado leitor, e estes artifícios são analisados de diversas formas a fim de entender a obra. No caso de *Chapeuzinho Vermelho*, o conto já se aproximava do universo infantil pela valorização da criança em seu contexto histórico e social, já que por muitos anos as crianças foram vistas como pequenos adultos. Até o século XVII eram consideradas adultas a partir dos doze anos de idade e excluídas do convívio escolar, assim que completavam esta idade. Esta prática só foi modificada no século XIX, quando o ambiente escolar começa a ser valorizado, o que permitiu a reflexão de uma educação para todos. Entretanto, tais instituições eram extremamente rígidas e com caráter de internato, e a religiosidade regia o ensino, principalmente a da educação feminina.

É neste contexto que os Irmãos Grimm levam para os livros as histórias que eram de caráter oral, com adaptações para atingir o público adulto e infantil. E com isso, sua linguagem, e sua escrita se adequam ao público referido. Tentando mostrar também que o bem vence o mal, e que meninas como *Chapeuzinho Vermelho*, mesmo desobedecendo à mãe, têm um final feliz, pois aprendem uma lição.

Na psicanálise e em diferentes linhas psicológicas, é reconhecida a função das narrativas dos contos de fadas na construção do indivíduo e em sua integração social, pois estas ajudam a resolver conflitos interiores por tratarem de questões que estão ligadas a esta fase da vida, como por exemplo: anseios, medos, angústias, conflitos etc. Tais questões, muitas vezes, não identificadas por um adulto; porém, normalmente, fácil de serem internalizadas por uma criança.

...os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenções de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) ³

- **Em relação ao tempo:**

Este conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” se caracteriza como tal por conta de suas marcas de temporalidade, ou melhor, falta de tempo exato em que ocorre a história. Este é um aspecto muito presente nestas histórias. As expressões utilizadas para encaixá-la em algum tempo-espaço se resumem ao famoso “Era uma vez”, que se tornou marca registrada dos contos, “Certa vez” e “certo dia”, dando a idéia de tempo suspenso, sem precisão de qual ano, mês, dia e hora que a narração aconteceu. Essa proposição inicia colocando a criança num tempo indeterminado, excluindo qualquer possibilidade daquela história ter realmente acontecido. Dessa forma, permite que a criança saia um pouco da realidade, abrindo espaço para a imaginação. As formas dos personagens, como dos objetos, neste caso o bolo o vinho, as flores e os raminhos; as cores como o vermelho do chapéu da menina, as cores da floresta do pijama da vovó, etc.; e o ambiente, como a floresta e a casa da vovó, serão formados pelo consciente da criança, partindo do que ela

³ Este trecho é parte de um texto que foi exposto em aulas de literatura ministradas pela então professora substituta Márcia Maria e Silva, na UNIRIO, no ano de 2008, porém não tivemos acesso às referências bibliográficas.

conhece e sente sobre o que esta sendo contado, permitindo um profundo processo de criação de imagem e sentido.

- **Constituição do enredo:**

Ao tentar aproximar os contos das crianças, os Grimm utilizavam palavras no diminutivo, como “meninazinha”, “capuzinho”, “Chapeuzinho”, “direitinha”, “coisinha”, “passarinho”, e “raminho”, que se aproximavam da linguagem delas e davam um ar mais suave às suas versões, excluindo episódios de violência extrema. O próprio nome da personagem que dá nome a história está no diminutivo “Chapéu” referente a capa e “-zinho” sufixo característico do diminutivo.

As marcas de imprecisões como: um, uma, algum e algumas nos dão pistas de que esta história se passa mesmo no imaginário, pois não se refere a tal pessoa ou objeto de forma precisa. Diferente de quando narramos uma história que aconteceu de fato, em que tais pronomes indefinidos aparecem apenas na introdução, em que os personagens estão sendo apresentados e ainda não é de conhecimento do leitor ou ouvinte.

Era uma vez *uma* meninazinha mimosa (...) (p.1)
 – Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens *um* pedaço de bolo e *uma* garrafa de vinho, (...) (p.1)
 (...) “Esta coisinha nova e tenra, ela é *um* bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha.(...) (p.2)
 (...), percebeu *alguma* coisa tão estranha lá dentro, que pensou: (...) (p.3)
 (...)E quando deu *algumas* tesouradas (...) (p.3)
 (...)Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa *umas* grandes pedras, (...) (p.4) (GRIMM, 1812, p. 1- 2-3)⁴

⁴ Grifos meus.

A história começa com a apresentação da personagem Chapeuzinho e com o narrador contando o porquê de ela ser chamada assim, permitindo a construção do imaginário. A falta de detalhes na apresentação, como também dos espaços em que a história acontece, permite que o leitor use a criatividade e a imaginação para dar forma e vida ao conto, e para que a criança não se perca na história e foque sua atenção apenas aos acontecimentos narrados. A falta de nomes que identifiquem cada um deles, pois a “vovó” será a “avó”, quando não chamada de “velha”, como a mãe de Chapeuzinho será ora “mãe” ora “mamãe”, e assim por diante.

A personagem da avó também aparece no parágrafo introdutório como responsável pelo nome dado à menina, pois é ela que a presenteia com um chapeuzinho de veludo vermelho. Nesta passagem, em que fica explícito que a avó já não sabia mais o que dar a menina, já encontramos marcas da valorização da criança, quando ela começa a ser mimada pelos adultos.

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um chapeuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Chapeuzinho Vermelho. (GRIMM, 1812, p. 1)

Com a passagem “Ela não sabia mais o que dar a essa criança”, dá a entender-se que Chapeuzinho era muito presenteada pela avó.

(...) a avó de Chapeuzinho se deixa levar pelas próprias necessidades, indo além do que é bom para a criança, como narra o conto: “Não havia nada que ela não desse à menina”. Não seria nem a primeira nem a última vez que uma criança mimada e estragada pela avó incorre em perigo na vida real. (BETTELHEIM, 1980, p. 209)

Percebe-se que o autor além de tratar aspectos que fazem parte da formação da criança, ele começa sua história situando que a criança, neste período, tem grande valor para seus familiares, despertando afeto e “mimos”. Este aspecto permite ao leitor perceber que a personagem principal é uma menina comum, como todas as outras, alertando que os acontecimentos da história podem acontecer com qualquer criança, mesmo aquelas que estão protegidas pelos seus familiares, e que ganha muitos presentes de sua avó por ser boazinha.

- **Construção dos personagens:**

A mãe de Chapeuzinho aparece uma única vez na história, ao lhe dar a responsabilidade de entregar bolo e vinho para a avó doente, ela assume seu papel de mãe, que instrui, aconselha e delega responsabilidades, e dá a Chapeuzinho quatro lições: “anda direitinha”, “não saias do caminho”, não esqueça de dizer bom-dia” e “não fiques espiando por todos os cantos”. Apesar de a figura da mãe aparecer apenas uma vez, ela possui grande importância na história, com os verbos no imperativo, transfere seu ensinamento para Chapeuzinho e inconscientemente para o leitor, no caso da criança, ao construir o imaginário, pode vir a se transferir, se coloca no lugar de Chapeuzinho, pois a criança tende a se identificar com o personagem que a chama mais atenção, que mais se parece com ela seja para o lado bom ou ruim, entretanto, tende-se a se aproximar daquele que ao final da história se parece com um herói, e por Chapeuzinho ser uma criança, essa identificação com o personagem se torna mais atrativa.

(...) as escolhas das crianças são baseadas não tanto sobre o certo *versus* o errado, mas sobre quem desperta sua simpatia e quem desperta sua antipatia. Quanto mais simples e direto é um bom personagem, tanto mais fácil para criança identificar-se com ele e rejeitar o outro mau. A criança se identifica com o bom herói não por causa da sua bondade, mas porque a condição do herói lhe traz um profundo apelo positivo. A questão para a criança não é “Será que quero ser bom?” mas “Com quem quero parecer?” A

criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também. (BETTELHEIM, 1980, p. 18)

Nesta história, o caráter dos personagens é linear, ou seja, eles não mudam de personalidade e temperamento durante a trama, a avó sempre é aquela figura que mima a neta, frágil, doente e velha. A figura do Lobo também não se modifica durante a história, apesar de se mostrar simpático no início da história quando cumprimenta Chapeuzinho e pergunta para onde ela vai tão cedo de forma doce e suave, suas intenções ficam claras logo em seguida com o pensamento: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha.”

O caçador, incontestavelmente, aparece na história como o salvador, o herói, pois ele percebe que há algo estranho na casa da vovó e se depara com o Lobo deitado na cama com a barriga estufada. Na passagem de Grimm (1820) “Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido.”, o caçador não cumpre apenas o seu papel de pegar o Lobo, ele salva a avó e a Chapeuzinho da barriga do “malfeitor”, carregando consigo a imagem de herói que permite que Chapeuzinho tenha uma segunda chance, ou seja, ela tem a possibilidade, ao ser salva, de refletir sobre o ato de desobedecer a mãe e aprender uma lição.

Não é o fato do malfeitor ser punido no final da história que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas histórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a

virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. (BETTELHEIM, 1980 p. 15 - 16)

- **Chapeuzinho e o narrador:**

A presença constante do narrador pode ser caracterizada pela transferência de significado, ou seja, o autor quer passar através de sua história e dos personagens uma mensagem, o que não acontece quando o narrador está ausente, os personagens tomam conta e não há uma comunicação direta com o leitor, apenas diálogos.

Para a construção do imaginário, a história começa com a voz do narrador, o qual introduz o enredo utilizando recursos que denotam um afastamento entre o narrador e a história. Ao longo do texto, percebe-se que tal afastamento vai sendo desfeito a partir das referências aos personagens, por exemplo, no primeiro parágrafo ele se refere à avó desta forma, “Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua *avó*.” Em seguida, no meio do texto, o autor em sua narração se aproxima da personagem de forma mais carinhosa: “O lobo apertou a maçaneta, a porta abriu, e ele foi, sem dizer uma palavra, direto para a cama da *vovó* e engoliu-a.” Por fim ele se afasta novamente: “E aí também a *velha avó* saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar.”

Já ao final do conto, a narração volta a ser composta por palavras, referindo-se à personagem “avó” de modo que caracteriza o afastamento do narrador. Na passagem “E aí também a *velha avó* saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar.”, percebe-se que o narrador utiliza a personagem da avó para caracterizar este distanciamento e aproximação com o texto no início, no meio e no fim. Entretanto, ele se mantém presente quando incorpora os personagens e expõe os seus pensamentos. Neste momento há uma relação direta entre autor-personagem, e é neste momento que o narrador se torna personagem e transmite no final do conto a sua mensagem: “... Chapeuzinho Vermelho pensou: “Nunca

mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso.” Neste momento, o narrador prefere fazer parte da mensagem transmitida, pois ele escolhe o recurso do pensamento ao invés da fala.

Chapeuzinho, por sua vez, não sofre modificações no caráter, ela permanece como uma figura infantil, boa e inocente, que não percebe as más intenções do Lobo. Sendo a personagem principal, o enredo e a moral da história gira em torno dela, pois é através de seus atos que percebemos as conseqüências das atitudes erradas. No início do conto, sua mãe delega a responsabilidade de levar para a vovó bolo e vinho, e confiança ao acreditar na promessa da menina em cumprir as quatro lições que lhe foram passadas.

– Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos. (GRIMM, 1820, p. 1)

Entretanto, Chapeuzinho, por ser inocente, não conhece a maldade do Lobo e suas intenções, e estabelece um diálogo com ele, em que o Lobo a convence de ir por outro caminho com lindas flores e canto de pássaros. “Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos e, quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: ‘Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo.’”

O ato de desobedecer à mãe não caracteriza desvio de caráter entre o bem e o mal, pois este comportamento se justifica pela bondade ao não destratar um estranho e pensar em acrescentar flores para alegrar a avó, pela inocência de não perceber a maldade do Lobo e pela infantilidade que permite se deixar seduzir pelo caminho com flores e desviar sua atenção e esquecer das obrigações. Segundo Bettelheim(1980), o ato de Chapeuzinho esquecer das obrigações e se deixar levar pelo encantamento do caminho das flores está relacionado com a ambivalência infantil entre o princípio do prazer e a realidade.

O dilema entre o princípio da realidade e o princípio do prazer é afirmado explicitamente quando o lobo diz a Chapeuzinho:- Veja como são lindas as flores ao seu redor. Por que não dá uma olhada? Acho que você nunca parou para ouvir o lindo canto dos pássaros. Está caminhando atenta e concentrada como se fosse para a escola, enquanto aqui na floresta tudo é prazer. É o mesmo conflito entre fazer o que gostamos e o que devemos, sobre o qual a mãe de Chapeuzinho advertia no início, aconselhando a filha a “caminhar de modo conveniente e não sair da estrada...” “E quando chegar à casa da Vovó, não se esqueça de desejar um “Bom dia” e não fique espiando todos os cantos quando chegar.” Assim, a mãe está ciente das inclinações de Chapeuzinho para desviar-se do caminho conhecido e espiar pelos cantos para descobrir os segredos dos adultos. (BETTELHEIM, 1980, p. 207)

No trecho em que a personagem principal trouxe grandes pedras e as colocou na barriga do lobo, e quando ele quis fugir correndo não conseguiu se levantar e caiu morto, dá a entender que Chapeuzinho o matou por vingança, porém não fica claro que esta é a verdadeira intenção da menina, pois ela estava assustada e queria proteger tanto ela quanto a avó. E quanto ao fato dela, da avó e do caçador ficarem feliz com a morte do lobo, pode ser interpretado como a vitória do bem contra o mal, que após passarem por perigo, o mal foi derrotado e o bem prevaleceu. Não há indícios de que há alguma mudança na personalidade da personagem, mas sim que naquele momento ela não se amedrontou diante do perigo e soube tomar uma atitude que a livrasse do mal. Segundo Bettelheim:

Cabe a Chapeuzinho planejar espontaneamente o que fazer com o lobo e executá-lo. Para que ela esteja a salvo no futuro, deve ser capaz de acabar com o sedutor, livrar-se dele. Se o pai-caçador o fizesse por ela, Chapeuzinho nunca sentiria que realmente vencera sua fraqueza, porque não teria se libertado dela. (BETTELHEIM, 1980, p. 214)

A moralidade deste conto se anuncia com o arrependimento da menina no final da história: “Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso.” Mas para que esta frase cause o efeito moral, de que o bem sempre vence no final e que seguir as ordens determinadas pela sociedade, em que o comportamento feminino exige disciplina e obediência, os personagens não poderiam assumir papéis que oscilassem entre bem e mal. Para a moral se firmar, a personagem principal deve servir como exemplo, tanto pelo lado do caráter que a forma, como também pela experiência vivida e aprendida.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam! (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

2.2- VERSÃO DE Agnese Baruzzi e Sandro Natalini:

Esta versão foi produzida pelos autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini em 2007, com o título original *TRUE STORY OF LITTLE RED RIDDING HOOD*, e lançado no Brasil em 2008 com o título “A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho”, pela BRINQUE-BOOK, com tradução de Índigo e revisão de Fabiana Lancerotti.

O livro logo pela capa, já consegue atrair o leitor pelo seu colorido, seus relevos, e sua ilustração. Por conta do seu formato arrojado, com ilustrações com movimento, presença de brilhos e tecidos e um colorido que chama atenção, pode ser considerado um livro brinquedo, permitindo que o leitor interaja diretamente com o objeto-livro e faça parte da construção da imagem, quando este permite que algumas figuras sejam manipuladas, da vida às ilustrações, provocando a cada virada de página uma surpresa e a sensação de: “o que me espera em seguida?”

Neste livro, o jogo com as imagens acontece de forma harmoniosa, com pano de fundo que varia em cada página, com expressões dos personagens de acordo com os acontecimentos e gravuras que sobressaem ao texto escrito, dando vivacidade ao mesmo. As imagens, neste caso, ajudam na desenvoltura da trama, pois elas acompanham a parte escrita, não apenas para entreter o leitor, mas também para dar suporte a narrativa.

Este tipo de livro dá margem a diversas análises, tanto no sentido estético, como lingüístico. Entretanto, a análise que eu proponho, se baseia nos personagens e no narrador, pois quero mostrar que a personalidade da personagem principal, entre outros, influencia na intencionalidade da história. Ou seja, o que o autor-narrador está pretendendo transmitir, mesmo sem intencionalidade.

A produção estética da obra, que inclui artifícios que permitem que o leitor em foco, a criança, interaja com as surpresas que vão aparecendo com cada passada de página. Seja tirando cartinhas do envelope, abrindo porta e janela, tocando os tecidos, dando movimento a imagem quando a página permite: o movimento do ônibus, mudando a cor do rosto da Chapeuzinho de acordo com o seu temperamento, mudança de faixa da festa preparada para o lobo com dizeres reconhecendo a sua bondade, a mudança de figura do mesmo quando coloca na boca um pedaço de carne, e ao final, o movimento dele atrás da árvore espreitando a Chapeuzinho.

Estes atrativos que o livro oferece acabam atraindo o seu público alvo, que são as crianças, elas podem ao mesmo tempo em que lêem a história, se divertirem e fazer parte dela. As cores chamam bastante atenção juntos aos desenhos, em que a criança não precisa ficar imaginando a cena de acordo com a leitura, as imagens já falam por si só e se mostram bem eficientes no quesito interpretação à escrita. O encantamento que este livro provoca nas crianças se baseia no que ele oferece à ela, nos artifícios que ele traz consigo, as imagens bem coloridas, os movimentos, a textura, a surpresa, o que acaba sobressaindo ao enredo.

A imaginação do leitor, neste caso, não é posta a prova, pois tudo já está exposto de forma bastante atrativa e completa. No caso, a história não sai do livro para imaginação do leitor, mas sim o leitor entra na história participando dela.

Esta proposta de fazer o público leitor se transferir para história pode ser justificada pelo perfil deste nos dias atuais. As crianças, nos dias de hoje, são seduzidas e atraídas por diversas outras formas de entretenimento, que proporcionam à elas uma gama de sensações que vão da diversão ao prazer. A leitura como tal, tornou-se dever de casa, tarefa, ou algo de segundo plano, salvo aqueles que possuem pais que incentivam a leitura desde cedo. No mundo virtual da qual vivemos, o livro tornou-se um objeto que nos serve para consultas, estudos, e pouco para o prazer.

- **Em relação ao tempo:**

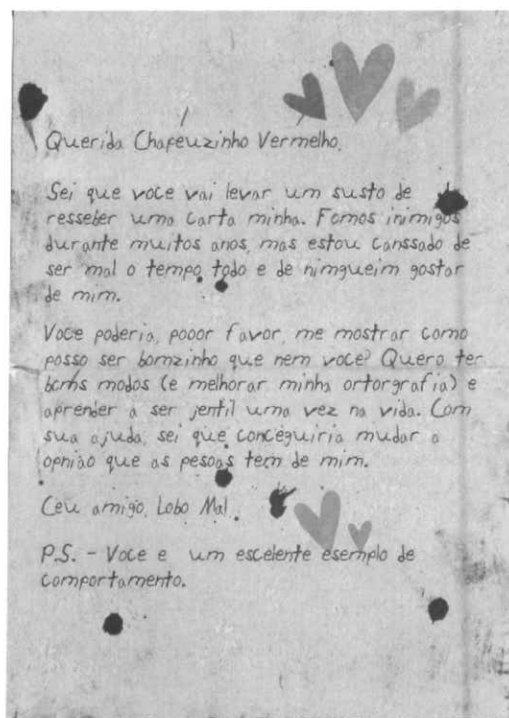
A história em análise se diferencia dos contos de fadas por propor outra história sobre aquela que já conhecemos, isso não significa se tratar de outra versão de contos de fadas, mas de uma outra história mesmo, e por não haver traços que estão presentes nos contos de fadas como, por exemplo, o “Era uma vez”, e outras marcas que caracterizem uma falta de temporalidade. Ou seja, não há a idéia de tempo suspenso, até mesmo por tratar de assuntos atuais, com aspectos atuais.

Ao ler cada página, temos a impressão de que tudo está acontecendo no exato momento da leitura. O narrador em nenhum momento utiliza expressões que denotam um tempo que não existe, ou que ocorreu há muitos e muitos anos, pelo contrário, os diálogos dão uma idéia de presente, já que os verbos das falas estão nesta conjugação. Este destaque nos dá a entender que a os autores não tinham a intenção de escrever um conto de fadas, mas sim uma história original baseada em um conto clássico, pois não possui traços que estão presentes em outros contos.

- **Constituição do enredo:**

Ao abrir o livro, logo na primeira página, encontramos uma carta escrita pelo Lobo para Chapeuzinho Vermelho, pedindo para que ela o ajude a ser bom. A escrita do Lobo aparece com vários erros de ortografia, mostrando que ele é um animal mal educado, que não teve nenhuma orientação. Tanto que quando a Chapeuzinho aceita ajudá-lo, ela utiliza

a palavra “reeducação”, no sentido de que ele agora receberá uma nova educação para ser tornar bonzinho.



Repare que apesar do título “A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho”, a história começa sem a apresentação da personagem principal, talvez pela falta de necessidade, já que todos sabem de quem se trata, dando início com o personagem considerado antagonico, no caso, o Lobo. Sua apresentação também é dispensada, remetendo-nos às histórias dos contos de fadas das quais os personagens são bem caracterizados pelas suas personalidades bem definidas, ou seja, a Chapeuzinho como personagem boa e pura e o Lobo como o personagem mau. No caso do Lobo, a história faz referência também à história dos três porquinhos, pois ele é temido por todos da floresta e dos arredores.

Entretanto, ao analisar a capa do livro, apesar do título se referir apenas à história da menina, a ilustração complementa colocando o Lobo como peça principal ao aparecer junto à ela na capa. E ao longo da leitura, pode-se perceber que o Lobo aparece com como

peça central da trama, entretanto, o título refere-se apenas a Chapeuzinho para nos fazer lembrar das histórias dos contos de fadas, dispensando qualquer apresentação dos personagens, pois está implícito que todos que fazem parte do enredo já são conhecidos pelo leitor.



A proposta do título da obra está pautada nas atitudes de Chapeuzinho, apesar da mudança de comportamento do Lobo ser bastante marcante, e de sua presença durante toda a história ser significativa, a Chapeuzinho surpreende mais, ao dar espaço para a perversidade quando, no entanto, temos outra imagem construída através dos contos de fadas, na qual ela é incontestavelmente bondosa.

As marcas de imprecisões não aparecem na narração, o que deixa bem definido todos os personagens e as situações. A temporalidade não é definida, durante a leitura pode-se perceber que a história não se compara aos contos de fadas, quando esse faz referência a anos e mais anos, quando o passar do tempo pode significar muito ou pouco. Na atual história, fica claro que os acontecimentos se passam num determinado dia, sem a presença do “Era uma vez”, e que não dura muito para que ela se conclua.

A proposta deste enredo não é torná-lo um conto de fadas, mas sim recontá-los de forma atual, misturando personagens que compõe outras histórias, como por exemplo, a presença dos três porquinhos, a Branca de Neve e o Patinho Feio como autores, cada um, de uma matéria no jornal. Este formato atual permite que a criança se divirta com as surpresas que vão aparecendo e com as novidades, reconheça personagens de outros

contos, como a Branca de Neve e o Patinho Feio como colunistas do jornal da floresta, os três porquinhos como construtores profissionais, o Lobo mau se tornar bonzinho por um momento e se surpreender com o que ele é capaz de fazer quando não pensa em maldades, e perceber que Chapeuzinho não é tão ingênua assim.



Este formato permite contar o novo sobre o a velha história, inovação faz parte do enredo que traz consigo a curiosidade sobre saber a “verdadeira” história que já conhecemos. E durante a leitura perceber que a personagem principal possui traços de personalidade nunca antes vistos, como também acontece com aquele que sempre foi conhecido como o vilão das histórias, mostrando seu lado sensível e cativante.

Apesar de a proposta ser uma narração sobre a Chapeuzinho, contando a sua história, o personagem que mais se destaca é o Lobo, que rouba a cena e mostra seu outro lado quando pede a ajuda da menina para se tornar bom. Contudo, o auge da trama está quando a atitude de Chapeuzinho o leitor com um ato de maldade, quando seu ciúme e sua inveja tomam conta e fazem com que ela se transforme, no caso a mudança de cor da face deixa claro esta transformação, e cometa um ato de vingança ao perceber que o Lobo roubou seu lugar de preferência entre as pessoas.





Fica difícil identificar algum tipo de moral da história, quando digo a moral, estou me referindo ao ato de aprendizagem, ou seja, quando a história lhe passa algum tipo de mensagem que está implícita. Neste caso, o que pode ser aproveitado, é que a criança perceba que não existe pessoa totalmente boa, e nem totalmente má, mas que suas atitudes dependem das situações que estão vivenciando naquele momento. Em nenhum momento, o narrador ou os próprios personagens passam algum tipo de lição, ou conselho que pode ser absorvido por quem está lendo; a história flui sem intervenções de moralidade.

- **Construção dos personagens:**

Nesta versão, há dois tipos de personagens, aqueles que estão presentes a todo o momento, neste caso a Chapeuzinho e o Lobo, e aqueles que aparecem, mas como coadjuvantes, sem muito diálogo e muita aparição. Eles servem apenas para complementar a trama, nenhum deles tem um papel que influencie diretamente o enredo. Aparecem como provocadores da ira de Chapeuzinho, quando se mostram mais afetuosos com o Lobo.



O papel da mãe e da vovó não está diretamente relacionado ao significado que elas representam. No caso, a mãe seria aquela que direciona, educa, instrui à menina, e a avó, uma velha doente que precisa de sua ajuda. Ao contrário disso, nesta versão, elas aparecem apenas duas vezes, mas ao invés de instruir ou orientar Chapeuzinho, suas aparições estão sempre em torno do Lobo, pois este se torna amigo delas e presente em suas vidas.

Neste caso, não há nenhum personagem que influencie diretamente as atitudes da menina, seja para o lado do bem quanto para o do mal. No caso, Chapeuzinho é dona de seus atos!

A presença de personagens de outros contos trouxe irreverência, eles entraram na história de forma sutil, sem roubar a cena dos protagonistas. A falta de apresentação dos integrantes da história foi dispensada pelo fato deles serem conhecidos através de outros contos, já que este faz referência a outros contos, propondo uma nova versão.

- **Chapeuzinho, o Lobo e o narrador:**

A história já começa com a carta do Lobo para Chapeuzinho, sem a presença do narrador, esse que aparece sem muita interferência na história. A maior parte da história é composta por diálogos entre os personagens, e seus pensamentos. Esses pensamentos refletem a posição do autor, como se o autor através deles, se colocasse na história, pois é ele que sabe e que conta o que os personagens estão pensando.

A menina, ao receber a carta do Lobo procurando sua ajuda, logo aceita o desafio de torná-lo querido por todos, mostrando seu caráter de boazinha ajudando as pessoas. Ela no início se empenha para ajudá-lo, recomendando um banho e comidas vegetarianas, pois ela acredita que a carne é a grande responsável por ele fazer maldades.





Chapeuzinho colocou o Lobo para trabalhar, pediu para que enquanto ela estivesse na escola, ele limpasse a casa e depois fosse buscá-la. O Lobo passou o seu dia desta forma, trabalhando em casa, ajudando a mamãe na cozinha, passando o tempo jogando cartas com a vovó, indo se encontrar com o caçador para ver futebol, e com tantas atividades e uma alimentação que não incluía carnes, sua fome estava aumentando. O tempo foi passando e sua bondade foi sendo reconhecida pela população da floresta, tornando celebridade da região, aparecendo na televisão e no jornal da floresta. Por sua vez, Chapeuzinho começou a se incomodar com a atenção que o Lobo estava recebendo das pessoas que antes a tinham como uma figura querida.

Diante dos fatos, podemos perceber a mudança de humor e de caráter da menina, pois o ciúme começa a tomar conta dela, ocasionando raiva e sentimento de vingança. Sua mudança de temperamento foi provocada pela percepção de que estava perdendo o seu posto de “queridinha” para o Lobo, e com isso sua característica de menina ingênua, boa e solidária se transforma em inveja, raiva e perversidade quando elabora um plano para acabar com as atitudes boas do Lobo.

Neste momento, Chapeuzinho Vermelho muda de figura boa e mostra o seu lado mau, tal como o Lobo no início da história mostra o seu lado sensível ao desejar ser bom e

conseguir isso com êxito, ou seja, se não fosse a atitude perversa de Chapeuzinho, o Lobo chegaria ao fim da narrativa amigos de todos ao lado da menina.

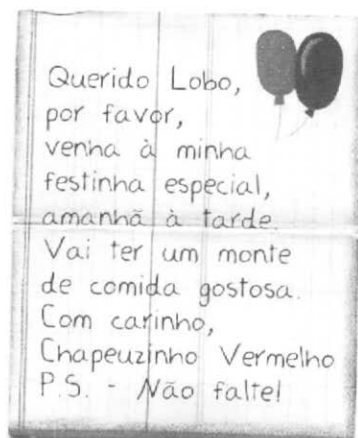
Os autores inovaram na tentativa de mostrar que os personagens possuem dois lados, um lado bom e outro mau, e que ninguém está salvo deste tipo de atitude praticado pela Chapeuzinho.

Após a leitura do livro, podemos perceber que vários personagens de outros contos, aparecem na história assumindo papéis diferentes da que estamos acostumados a ver nos clássicos. Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau também assumem características não apresentadas antes.

Antes, a figura de Chapeuzinho era formada por uma contemplação do ideal, principalmente, na época em que a história foi escrita pelos Irmãos Grimm, uma menina frágil e inocente que cai nas garras do Lobo Mau, ao desobedecer a sua mãe. A bondade de Chapeuzinho e a inocência de se deixar levar pela astúcia do Lobo fazem dela uma personagem amada por todos, pelo motivo da inocência ser atrelada a pessoas com índoles boas.

Chapeuzinho Vermelho é amada universalmente porque, embora virtuosa, é tentada; e porque sua sorte nos diz que confiar nas boas intenções de todos, que parece ser tão bom, na realidade nos deixa sujeitos a armadilhas. Se não houvesse algo em nós que aprecia o grande lobo mau, ele não teria poder sobre nós. (...) Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo a vida toda. (BETTELHEIM, 1980, p. 208, 209).

Nesta história, o caráter da menina é posto à prova. Ressentindo-se por deixar de ser a pessoa mais popular, ela planeja uma vingança, o que justifica o título da obra, "A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho", mostrando outro tipo de personalidade de Chapeuzinho, havendo um lado bom, quando ela aceita ajudar o Lobo Mau a ser tão bondoso quanto ela, e seu lado perverso, quando a inveja toma conta da menina provocando sua ira, a ponto de cometer uma vingança, por ele roubar sua preferência dos outros personagens e tornar-se querido por todos.



O lobo, por sua vez, também é apresentado de uma forma nunca vista antes, como aquele que quer ser bom, e humildemente procura a ajuda daquela que todos consideram um exemplo de bondade. A mudança de comportamento do Lobo e da menina deixa claro que a intenção dos autores desta versão não era a mesma a dos autores do conto clássico, inovando na criatividade e na proposta. Essa que está carregada de ludicidade, e não de uma moral implícita como no conto de origem.

O narrador tem um papel fundamental em algumas histórias, pois ele é quem conta a história expondo através dos personagens, diálogos e pensamentos deles. E quando o narrador se faz presente de forma significativa, pode-se dizer que ele quer verbalizar, no caso do livro, um acontecimento que pode ter acontecido de fato, ou criar uma situação que poderia ter ocorrido. Neste caso, o narrador não se envolve diretamente, a sua presença quase não é notada durante a leitura. Por fim, ele no final convida os leitores a embarcarem na história “oficial” de Chapeuzinho Vermelho, pois a versão contada refere-se a um possível acontecimento anterior ao dos “contos de fadas”.

3 - Considerações finais:

No acervo da literatura infantil encontramos os “contos de fadas”, seu gênero é o narrativo, e seu enredo é simples, rápido, preciso, e com toques de moralidade. Têm características próprias: “Era uma vez...”, “Muito e muito anos...”, “Num lugar não muito distante...”, “E foram felizes para sempre...” Essa forma narrativa denota um início, um meio e um fim e faz com que a criança perceba a existência de um tempo, um tempo que não é o seu, um tempo imaginário.

A essência do “conto de fadas”, além de propor uma viagem ao imaginário e ao mundo do encantamento, é o de abstrair conceitos formadores de caráter, tratando da questão e da relação entre o bem e o mal, e o certo e o errado. Os valores que podemos encontrar são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc. Propondo, também, acontecimentos que as levem à maturidade, apresentando questões como, morte, perigo, velhice, maldade, etc. de forma positiva para o crescimento interno das crianças. A reflexão sobre os contos de fadas, em uma proposta de trabalhar a formação moral e de valores que permeiam na sociedade, a criança encontra atitudes dos personagens que podem ser identificadas e distinguidas por elas, permitindo uma aproximação e afastamento entre leitor e personagem. Refletindo sobre o comportamento e o caráter dos mesmos, a criança constrói sua essência e se define com o que acha conveniente. Segundo Bettelheim,

A estória só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontaneamente e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma. (BETTELHEIM, 1980, p. 206)

Ao nos depararmos com o ambiente escolar, logo na primeira infância, o primeiro contato que temos com a literatura para infância, muitas das vezes, é através de fábulas e os contos de fadas, gêneros que, com a clara marcação da categoria infância, que foram devidamente adaptados para educar as crianças nos moldes da sociedade e de acordo com o

tempo em que foram produzidas. Tendo sofrido alterações conforme a necessidade de cada época, os contos sobreviveram como manifestações culturais de diferentes grupos sociais. Os textos sofreram significativas transformações para atender aos propósitos pedagógicos da cultura conforme seu contexto, para assim, fazer uso da literatura para transmitir e consolidar valores.

Pensando na sociedade em que vivemos e em suas especificidades, encontramos uma característica bastante peculiar, marcada pela degradação do seio familiar e pela proliferação da violência, atingindo também as crianças, em que os valores éticos e morais estão se degradando. E isso se reflete nas atitudes, desejos e anseios dos pequenos, pelo fato de não terem uma educação pautada na busca por valores, e muitas das vezes, pautada no consumo e acúmulo de bens. A ética e a moral ficaram esquecidas conforme a sociedade foi se tornando competitiva, onde valores são atrelados ao benefício próprio e não de forma altruísta.

Desta forma, a literatura infantil também foi se modificando para atender ao leitor que esta sempre buscando coisas novas e cada vez mais interatividade, já que o mundo tornou-se dinâmico.

Quase sempre, a identificação com um personagem, mesmo que de forma inconsciente, permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real. Desta forma, os personagens que mantêm sua personalidade forte, marcante e sem oscilações de caráter, são de fácil apropriação da criança, ou seja, ela se identifica mais com o que lhe chama atenção e o que mais se parece com ela. É neste ponto que minha análise propõe uma reflexão sobre o caráter moral do conto dos Irmão Grimm, e do caráter lúdico, sem intenção de moralidade, da história de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini.

Saliento que a primeira história trata-se de um conto de fadas, escrito por autores que fazem parte deste universo de narrativas que envolvem a literatura infantil clássica, e a segunda, propõe uma versão moderna do conto de “Chapeuzinho Vermelho”, com toques de requinte e diversão, com suas ilustrações bem coloridas e com alguns movimentos que dão vida ao que está sendo contado. As modificações se dão em função de contextos sociais e períodos históricos específicos, marcados pelas formações discursivas que lhes são peculiares. Não se pode desconsiderar tais aspectos em que cada história se expressa,

levando em consideração as condições de produção, recepção e circulação, para a construção de sentidos. Sentidos esses que não estão a salvo de intencionalidade ou idealização por parte dos autores.

No caso do conto dos Irmãos Grimm, sua intenção ou idealização corresponde ao contexto em que foi produzido, como também aconteceu com os autores da outra versão, aqui estudada, pois busca de atrair o leitor para uma nova perspectiva de forma divertida e lúdica. São essas intencionalidades que fazem cada obra ter suas peculiaridades.

Logo no título das histórias, podemos perceber a diferença entre ambas, já em que na primeira é mencionado, apenas, o nome da personagem principal, que na segunda, vem acrescido de “A verdadeira história...”, o que acaba provocando no leitor curiosidade, já que a palavra “verdadeira” dá a entender que a história dos contos de fadas oculta algo sobre a protagonista.

As imagens também falam por si, na primeira versão analisada não há ilustrações, pelo motivo que já foi mencionado. Entretanto a segunda, possui uma linguagem que vai além do que está escrito, pois as imagens são ricas no sentido de dar um maior suporte e até mesmo vivacidade ao texto, permitindo uma análise também sobre ela. Já na capa, pode ser vista a presença não só de Chapeuzinho, como também a do Lobo, posicionados um ao lado do outro, separados apenas por uma árvore. Analisando esta imagem, pode-se perceber que o autor coloca a menina no mesmo patamar que o da fera, subentendendo-se que os dois estão de igual valor na história, e que apesar do título só conter o nome da menina, o Lobo tem grande importância na construção da trama.

No conto dos Irmãos Grimm, eles logo no início fazem uma breve apresentação da personagem principal, não deixando de apontar seu caráter bom e de dizer que ela é amada por todos. Já na versão atual, os autores dispensam qualquer apresentação, o que deixa claro que a intenção deles é mostrar a verdadeira história sobre aqueles personagens já conhecidos dos contos de fadas. Acrescentando, também, elementos de outras histórias dos contos clássicos, o que o descaracteriza como sendo parte de um conto de fadas, e sim uma história que mostra outra versão dos fatos que perpetuam através dos contos.

A falta de elementos que caracterizam os contos de fadas, também justifica esta colocação de que a versão atual não faz parte do mundo maravilhoso das fadas, tais como a

ausência de “Era uma vez...”, “Um certo dia...”, “E foram felizes para sempre!”, tais marcas que dão idéia de tempo impreciso, suspenso, mostrando que de fato aquela história se passa no imaginário de quem lê. Contudo, concluo que a história dos Irmãos Grimm é um conto de fadas, e a versão de Agnese Baruzzi e Sandro Natlini trata-se de uma narrativa com elementos dos contos, mas com uma proposta lúdica, através de um livro que mais se parece um brinquedo.

O tipo de encantamento presente nos textos também é distinto, e é esse ponto que quero abordar para chegar à minha hipótese. Com base na leitura e através da análise realizada em diferentes aspectos, pude perceber que cada autor e cada texto possui uma possível intencionalidade e uma forma de encantamento. E para fundamentar a minha análise, peguei como peça principal a personagem Chapeuzinho Vermelho observando o seu comportamento em cada texto.

No conto dos Grimm, a personagem se mantém a mesma desde o princípio, ou seja, sua personalidade, seu comportamento e seu caráter não mudam conforme o decorrer da narrativa. Ela termina a história sem ter oscilação no comportamento, o que transmite confiança ao leitor, e permite que os autores transmitam sua intencionalidade, que nesse caso, será uma moral, que pessoas inocentes podem ser vítimas fáceis de quem planeja o mal, e que a desobediência não compensa, como também a maldade, pois o bem sempre prevalece no final. Assim, a menina ingênua, adorada por todos, pode ser contemplada e servir de exemplo para as crianças da época em que a história foi produzida. Até hoje, esta moral permeia entre nós, quando queremos passar um ensinamento sobre obediência, este conto entra em ação em forma de entretenimento, mas que a criança absorve cada vez que é transmitida a ela, já que as histórias são contadas diversas vezes, e em diversos momentos. Desta forma, a moralidade é perpassada de forma satisfatória. Transmitindo significados importantes à criança e ajudando a lidar com situações e sentimentos que se assemelham com o que é apresentado na história, como exemplo, as situações de perigo, de medo, angústia, etc.

Na versão atual, além do narrador não aparecer de forma significativa como no conto dos Grimm, os personagens principais, que são a Chapeuzinho e o Lobo Mau, apresentam outras características que não foram mostradas pelo conto clássico, que é o lado

mal da menina, e o lado bom do Lobo que sempre foi considerado malvado. Essa oscilação entre bom e mal desconstrói a imagem de que as pessoas são totalmente boas, e as más são totalmente ruins. Permitindo uma reflexão sobre tal perspectiva, ao contrário do conto dos Grimm, que transfere uma moralidade, pois de forma lúdica os autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini trazem para história características dos personagens que se aproximam com a realidade do contexto histórico em que vivemos, em que não podemos confiar plenamente nas pessoas e todos nós não estamos livres de cometer maldades quando somos provocados negativamente.

Esta mudança de comportamento da menina e do Lobo traz consigo um aspecto de novidade, a inovação da velha história, propondo mostrar que alguns fatos podem ser omitidos ou exibidos quando a intencionalidade muda. A fim de mostrar um outro lado dos personagens, o livro traz elementos atraentes, o que o aproxima de um brinquedo permitindo que o leitor interaja e se integre à narrativa.

Levando em consideração que o leitor dos dias de hoje é mais exigente e procura sempre novidades, desta forma o livro atende a este quesito. Entretanto, sua proposta não vai além de uma ludicidade, sem tons moralistas que a criança deve absorver, até porque os atrativos que são trazidos pelo livro não permitem que a criança se envolva integralmente com a história, mas sim com seus aspectos ilustrativos.

Podemos perceber que cada história possui suas características próprias de acordo com o autor, o tempo, o contexto social etc. E estas diversas perspectivas de história nos beneficiam, pois possuímos um grande acervo que permite realizar diferentes propostas de trabalhos a cerca do conteúdo de cada obra. A literatura infantil nos abre um leque de possibilidades que permite trabalhar questões ligadas ao processo de construção do indivíduo. Através dela podemos afrouxar os nós que nos prendem ao conformismo da realidade que nos é dada de antemão, e assim mergulhar em um mundo de criações que nos remete a uma própria “realidade” da vida.

ANEXOS

Pág. 1

CHAPEUZINHO VERMELHO

Autor: Irmãos Grimm

Tradução de: Tatiana Belinky

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um chapeuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Chapeuzinho Vermelho.

– Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos.

– Vou fazer tudo como se deve, – disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa.

A avó, porém, morava lá fora na floresta, a meia hora da aldeia.

E quando Chapeuzinho Vermelho entrou na floresta, encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que fera malvada era aquela, e não teve medo dele.

– Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, – disse ele.

– Muito obrigada, lobo.

– Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

– Para a casa da vovó.

– E o que trazes aí debaixo do avental?

– Bolo e vinho. Foi assado ontem, e a vovó fraca e doente vai saboreá-lo e se fortificar com o vinho.

– Chapeuzinho Vermelho, onde mora a tua avó?

Pág. 2

– Mais um bom quarto de hora adiante no mato, debaixo dos três grandes carvalhos, lá fica a sua casa; embaixo ficam as moitas de avelã, decerto já sabes isso?, – disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou consigo mesmo: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha.

Tenho de ser muito esperto, para apanhar as duas”.

Então ele ficou andando ao lado de Chapeuzinho Vermelho e logo falou:

– Chapeuzinho Vermelho, olha só para as lindas flores que crescem aqui em volta! Por que não olhas para os lados. Acho que nem ouves o mavioso canto dos passarinhos! Andas em frente como se fosses para a escola, e no entanto é tão alegre lá no meio do mato.

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos e, quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: “Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo”.

Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores. E quando apanhava uma, parecia-lhe que mais adiante havia outra mais bonita, e ela corria para colhê-la e se embrenhava cada vez mais pela floresta adentro.

O lobo, porém, foi direto para a casa da avó e bateu na porta.

– Quem está aí fora?

– É Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre!

– Aperta a maçaneta, – disse a vovó – eu estou muito fraca e não posso me levantar.

O lobo apertou a maçaneta, a porta se abriu, e ele foi, sem dizer uma palavra, direto para a cama da vovó e engoliu-a. Depois, ele se vestiu com a roupa dela, pôs a sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou o cortinado.

Chapeuzinho Vermelho, porém, correu atrás das flores, e quando juntou tantas que não podia carregar mais, lembrou-se da vovó e se pôs a caminho da sua casa. Admirou-se ao encontrar a porta aberta, e quando entrou, percebeu alguma coisa tão estranha lá dentro, que

Pág. 3

pensou: “Ai, meu Deus, sinto-me tão assustada, eu que sempre gosto tanto de visitar a vovó!” E ela gritou:

– Bom-dia!

Mas não recebeu resposta. Então ela se aproximou da cama e abriu as cortinas. Lá estava a vovó deitada, com a touca bem afundada na cabeça e um aspecto muito esquisito.

– Ai, vovó, que orelhas grandes que você tem!

– É para te ouvir melhor!

– Ai, vovó, que olhos grandes que você tem!

– É para te enxergar melhor.

– Ai, vovó, que mãos grandes que você tem!

– É para te agarrar melhor.

– Ai, vovó, que bocarra enorme que você tem!

– É para te devorar melhor.

E nem bem o lobo disse isso, deu um pulo da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Quando o lobo satisfez a sua vontade, deitou-se de novo na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. O caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela.

– É aqui que eu te encontro, velho malfeitor, – disse ele – há muito tempo que estou à tua procura.

Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e

começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora e gritou:

– Ai, como eu fiquei assustada, como estava escuro lá dentro da barriga do lobo!

E aí também a velha avó saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar. Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo. Quando ele acordou, quis fugir correndo, mas as pedras eram tão pesadas, que ele não pôde se levantar e caiu morto.

Então os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou: “Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso”.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO

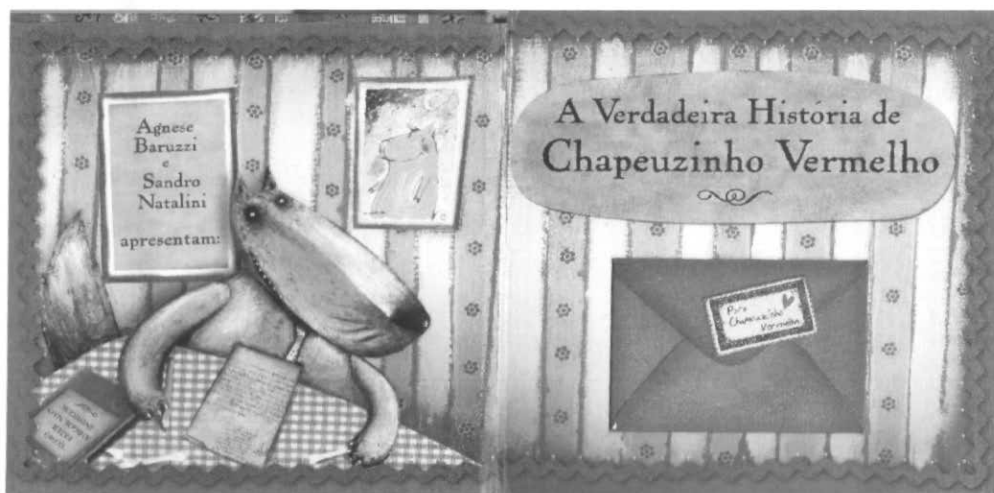
Autores: Agneses Baruzzi e Sandro Natalini

Tradução de: Índigo



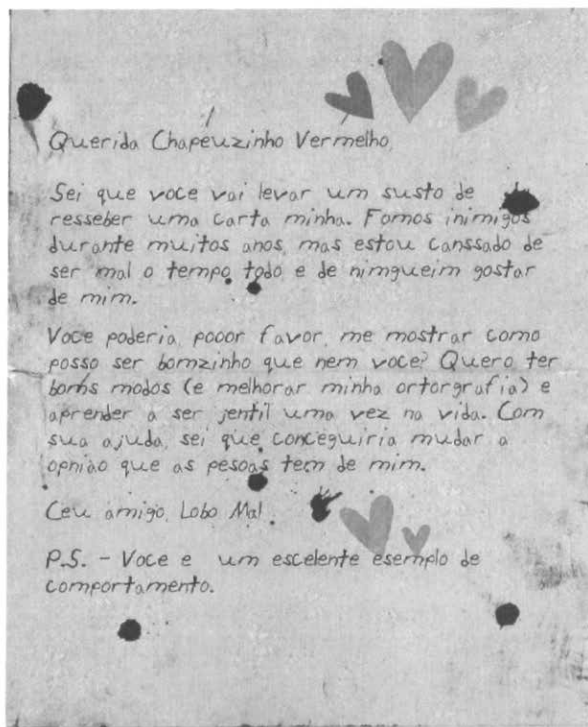
Capa

Contracapa



Página 1

Página 2



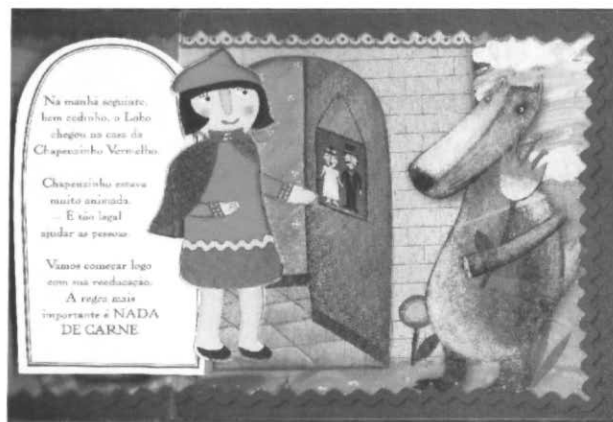
Carta 1



Página 3



Página 4



Página 4-2



Página 5



Página 6

Página 6-2



Página 7



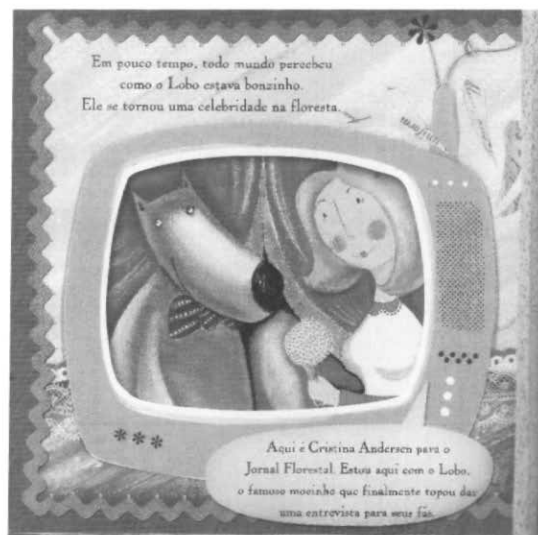
Página 8

Página 8-2



Página 9

Página 10



Página 11



Página 12



Página 12-2



Página 13



Página 14

Página 14-2



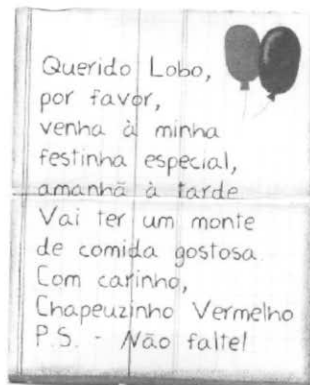
Página 14-3

Página 14-4



Página 14-5

Página 14-6



Carta 2

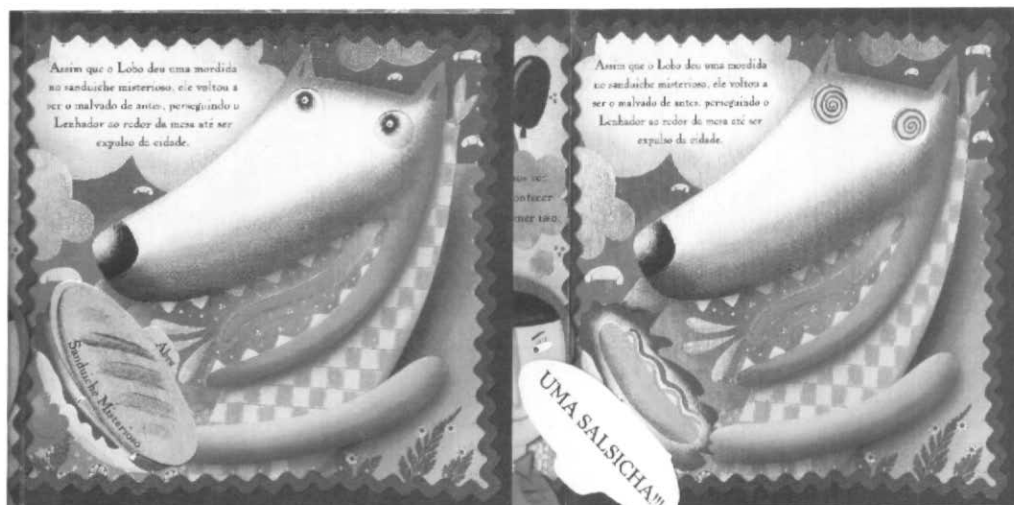


Página 15

Página 15-2



Página 15-3



Página 16

Página 16-2



Página 17

Página 18

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ÀRIES, Philippe. *História Social da Infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARUZZI, Agnese; Sandro NATALINI. *A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho*. Tradução de Índico. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANTON, Katia. *Os contos de fadas e a arte*. São Paulo: Prumo, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Contos de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

_____. *O conto de fadas*. 2.ed. São Paulo: Ática S.A, 1991.

GARCIA, Othon M., *Comunicação em prosa moderna: Aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 24 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

JOKURA, Tiago. *A origem sangrenta dos contos de fadas, vermelho cor de sangue*. Revista Mundo Estranho. São Paulo: ED. 98 ano 9, nº 4.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1992.

SOARES, Angélica. O texto, a teoria. In: *Gêneros literários*. Ed. Ática. São Paulo, SP. 6º edição, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo. 1981.

MEIOS ELETRÔNICOS

SAID, Fbio M. *Mestres da tradução no Brasil: Tatiana Belink*. 2009. Disponível em: <http://fidusinterpre.com/?p=523> > acessado dia 22/09/2010

Grimm, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho*. 1820. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/7073929/Irmaos-Grimm-Varios-Contos> > acessado dia 27/06/2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Luciana de Queiroz dos Santos _____

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: “Chapeuzinho Vermelho: Duas versões para
tempos distintos” _____

ORIENTADOR(A): Alberto Roiphe Bruno _____

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Prof. Tiago Batista dos Santos _____

Nota : 70

Considerações:

O trabalho apresentado pela aluna apresenta uma proposta interessante de investigação e reflexão acerca da temporalidade e constituição dos contos de fada, comparando sincronicamente a história da “Chapeuzinho Vermelho” em diferentes tempos. Em relação à proposta da autora cabe ressaltar algumas dificuldades na organização das análises comparativas e as categorias de avaliação que surgem no trabalho sem uma fundamentação que as encaminhe tornando o empobrecida a sua proposta. Ainda são registradas algumas dificuldades na redação do trabalho, o que em alguns momentos torna a leitura ambígua e incoerente do ponto de vista sintático e semântico. As considerações finais buscam uma revitalização do tema, o que dá ao trabalho um caráter mais significativo no que tange à proposta inicial da autora. _____

DATA: 10 de dezembro de 2010. Assinatura: Tiago Batista Santos

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno _____

Nota: 7,0

Considerações:

O trabalho ficou limitado a uma breve revisão bibliográfica da origem dos contos de fadas e a uma busca de análise de poucas categorias da estrutura da estória examinada, sem trazer reflexões mais profundas do ponto de vista da literatura e, sobretudo, da sua relação com a educação.

Data: 20 / 12 / 2010

Assinatura: _____

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
7,0	7,0	7,0

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2010.

Prof. Orientador